

A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DE LUGARES IDENTITÁRIOS

Carla Maria Dantas Oliveira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG

Palavras chaves: interação, intersubjetividade e história oral

carlamdoliveira@yahoo.com.br

Introdução

O objetivo do texto é discutir a subjetividade que permeia a pesquisa orientada metodologicamente pela história oral. O trabalho é baseado nas considerações de Augras (1997), Pereira (2000) e Menezes, Aires e Souza (2004) acerca de exercícios de pesquisa fundamentados neste método. Segundo as autoras, o caráter subjetivo das interações mantidas entre pesquisadores e pesquisados mostra-se como um fator determinante para o exercício de construção, interpretação e análise de narrativas.

Neste sentido, parte-se da constatação de que as subjetividades envolvidas nos momentos de interação pelos quais se realizam as entrevistas se constituem como um aspecto fundamental para a delimitação do tipo de exercício de investigação ao qual a história oral se propõe. O percurso que aqui se segue é, portanto, direcionado pela discussão do aspecto subjetivo destas interações, o que se pretende é uma abordagem da forma pela qual as subjetividades envolvidas podem ser acionadas enquanto instrumentos cognitivos, considerando ainda as implicações analíticas e metodológicas da adoção desta metodologia de pesquisa.

Consideramos como uma primeira implicação da pesquisa orientada pela história oral, aquela relacionada à natureza do material de pesquisa que este método produz, como sublinharam as autoras que tratamos, se por muitas vezes o caráter subjetivo da memória foi interpretado pelo seu valor particularizante e desprovido de objetividade (PEREIRA, 2000) o que se procura destacar é a validade advinda da natureza interativa do documento da pesquisa, portanto, se desde já se admite que a característica dos relatos produzidos pelo método da história oral se perfaz por sua nuance subjetiva, consideramos como importantes elementos heurísticos a capacidade criativa de organização social da memória para a construção de identidades e narrativas produzidas em uma situação de interação.

Desta forma, esta capacidade criativa de organização da memória não é vista como um aspecto negativo do relato do pesquisado, mas, pelo contrario, abre caminho para a percepção dos recursos comunicativos acionados pelos narradores no momento de interação. Esta percepção implica também na reflexão acerca dos contextos de produção das narrativas, e este se constitui como um segundo aspecto de nossa análise, que se refere às condições de instauração de esferas de interação.

Tomamos as situações de interação como ponto de nossa reflexão por motivos que nos foram apresentados de forma bastante prática durante as ocasiões de trabalho de campo. Desta forma percebemos que estas ocasiões de pesquisa são situações cuja especificidade se dá pelo exagero de tensões relacionadas à representação do *self* (GOFFMAN, 1985). Tal exagero se refere à constatação de nossos esforços para nos fazer apresentar da “maneira correta” aos nossos informantes e “reagir corretamente” às posições dos nossos interlocutores, o que nos levou também a refletir sobre as implicações que estes nossos esforços tiveram sobre as estratégias de representação do *self* pelos entrevistados.

Desta forma, damos destaque à possibilidade de produção de uma situação de interação sob a perspectiva goffmiana (GOFFMAN, 1985), no que se refere a sua perspectiva metodológica para compreensão tanto das perspectivas do pesquisado quanto do pesquisador, entendendo que as considerações trazidas pelo autor nos dão margem para a reflexão das formas pelas quais o pesquisador e o pesquisado se apresentam a si mesmos e ao outro.

Realizando entrevistas e construindo narrativas: os caminhos do trabalho de campo

Como apontou Menezes, Aires e Souza (2004) ao retomar as considerações de Bourdieu (*apud; ibid*) uma postura conveniente ao exercício metodológico é trilhar os caminhos percorridos na interação entre pesquisador e pesquisado, é neste sentido que trazemos para a análise a experiência de pesquisa vivenciada por mim, junto ao Bloco da Saudades de Campina Grande.

Tomamos como um primeiro ponto de reflexão as condições de encontro entre pesquisador e pesquisados, pois, como aponta Goffman:

“quando um indivíduo chega a presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem.(...) A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada” (GOFFMAN; 1985, p.11)

O primeiro contato com o Bloco da Saudade - instituído em 1991 por alguns artistas locais - ocorreu em março de 2005, nesta ocasião, ainda sem ter a intenção de realizar uma pesquisa junto ao bloco, acompanhei alguns amigos nesta folia carnavalesca, que em um primeiro momento, apresentava-se como um modelo de festa que tinha como principal objetivo o resgate dos antigos bailes de carnaval. Mas o que mais chamou a atenção foi que, esta festa encontrava-se inserida dentro da programação de um outro modelo de festa carnavalesca, a Micarande - carnaval fora de época instituída em 1990 pelo Governo Municipal.

A intenção de pesquisa se efetivou um ano depois, quando realizei a primeira ida a campo para a elaboração de uma etnografia acerca do Bloco da Saudade. Nesta ocasião mantive contato com alguns coordenadores da festa, acompanhada de um amigo que, por sua relação com o teatro, propiciou-me os primeiros contatos. Desta forma, obtive uma boa receptividade junto ao grupo quando voltei sozinha a campo para realizar as primeiras entrevistas.

Esta situação me lembrou a experiência relatada por W. Foote-White (1980) no texto “Treinando a observação participante”, quando, ao escrever sobre a justificativa que apresentava para a sua presença no campo de pesquisa, o juízo feito a respeito de seu trabalho era mais condicionado pelas relações pessoais que eram mantidas por ele.

Propomos agora a recuperação de alguns trechos de entrevistas realizada com Eneida Agra Maracajá - Presidente Fundadora do Bloco da Saudade de Campina Grande-PB, no sentido de por em discussão os limites e implicações do percurso metodológico percorrido, tal proposição se justifica pela percepção de que nas situações de interação transcritas, os equívocos, os entendimentos e as trocas entre entrevistador e entrevistado foram fundamentais para a reflexão sobre os caminhos tomados e sobre as relações estabelecidas.

Desta forma, entendemos que tal análise possa lançar luz sobre recursos utilizados durante as entrevistas e sobre os processos de construção de narrativas. Pretendemos, no entanto, dar mais ênfase à prática da pesquisa do que eminentemente aos os resultados alcançados, estes figurarão somente como resultado das interações que foram mantidas.

As entrevistas foram realizadas no Teatro Municipal Severino Cabral na cidade de Campina Grande-PB nos anos de 2006 e 2007. A primeira entrevista foi com horário marcado e semi-estruturada no ano de 2006 e a segunda realizada em momentos antes da saída do Bloco em 2007.

A primeira entrevista foi guiada pelo eixo da participação da entrevistada na mobilização da cultural, sendo a mesma uma das principais representantes pela luta em prol da difusão da arte e do universo da cultura local. Ao dar início a entrevista, optei por não gravar num primeiro momento a nossa conversa, orientada pela perspectiva de criar um ambiente informal antes da entrevista “propriamente dita”, solicitando, posteriormente, permissão a Eneida para que sua narrativa fosse gravada. Concedendo afirmativamente, a mesma, e prontificando-se a outros encontros futuros.

Torna-se importante o registro das condições em que foram realizadas as gravações no sentido em que nos permite analisar as formas pelas quais a utilização de um gravador vai afetar as intenções, comportamentos e narrativa do entrevistado e da entrevistadora. Uma vez que este, à medida que sua fala era gravada, se esforçava para esclarecer a sua narrativa dando-lhe uma direção em torno de um tema que lhe parecia o mais preponderante.

A entrevistadora tentava criar um ambiente menos “inquisidor” ao expressar dúvidas não tão relevantes, mas que metodologicamente tinham certo valor por demonstrar o interesse em relação à experiência de vida da entrevistada enquanto sua atuação política no campo da cultura:

Eneida: Eu sou da época em que realmente se brincava carnaval. Eu fui menina e adolescente na rua da Marciel Pinheiro... que era a rua do carnaval aqui em Campina.

Durante o dia era todo mundo junto... não tinha essa história de mortalha, abada para separar o povo. Agora... a noite tinha os clubes... claro... tinha o clube dos negros que era o Ipiranga... tinha o Paulistano, que era uma classe mais ou menos e tinha o clube maior da elite que era o Campinense Club e depois o Clube 31. Mas o carnaval de rua não tinha separação... que hoje o carnaval tem. Esse carnaval que vivemos em Campina Grande não é nosso é um modelo industrializado da Bahia.

Pesquisadora: E porque a senhora acha que foi importado este tipo de festa?

Eneida: Porque traz visibilidade aos poderes públicos. O carnaval dos pobres acontece no período carnaval e o carnaval do poder aquisitivo de quem tem dinheiro acontece fora de época... você pagando milhões e fazendo abadas fora da cidade e nem renda pra cidade deixa.

Eneida: Resultado... houve uma reunião com os empresários da cidade: das empresas de ônibus, hoteleiros, educadores e a associação comercial e chegaram a conclusão de que a Micarande... se for pelo relatório deles essa Micarande se acaba.

Eneida: Essa festa...a Micarande... só ta trazendo para a cidade a violência, a droga e verifica-se que depois da Micarande tem-se um percentual muito grande de adolescentes grávidas e ai... de que, além de tudo isso, não fica nada de bom para Campina Grande.

Pesquisadora: E o Bloco da Saudade?

Eneida: Eu temo pelo Bloco da Saudade... Eu não sei qual a destinação do Bloco da Saudade, pois preferem investir nesse tipo de festa copiada do que numa festa que caracteriza o autentico carnaval nacional.

Pesquisadora: E porque o Bloco da Saudade não se apresenta no período do carnaval?

Eneida: Porque não tem condições de sair com o Bloco no período de carnaval pois acidade vira um deserto, sai todo mundo da cidade e do outro lado tem o Encontro da Nova Consciência, que é um encontro ecumênico. Na minha opinião o Encontro da Nova Consciência daria muito certo no período da semana santa e o carnaval de Campina Grande voltar a ter seu carnaval.

Pesquisadora: Essa é uma luta assumida pelos representantes do Bloco?

Eneida: É... mas te digo que acho muito difícil a situação do carnaval em Campina Grande, pois preferem investir em uma cultura que não é nossa e desprivilegiar uma festa que enaltece o povo brasileiro. O povo hoje em dia não sabe mais o que é carnaval, o que é música... a música popular brasileira.

Neste trecho, pretendemos abordar a construção da identidade pessoal de Eneida enquanto liderança no movimento cultural local e sua participação neste evento expressa os elementos pelos quais ela vai se construir e se localizar para si e para os outros, uma

vez que trata de acontecimentos vivenciados por ela que estão relacionados à história da cultura local, e esta foi transmitida à pesquisadora.

A riqueza dos detalhes da narrativa, a rememoração de cada posicionamento assumido pela narradora, mostra o seu posicionamento frente as políticas públicas que incentivam este tipo de manifestação cultural importada de outros estados, a exemplo do carnaval fora de época, a Micarande, importado nos moldes do carnaval da Bahia.

A questão que se coloca não é sobre a veracidade da narrativa, mas sobre o processo de organização de sua memória. Esta análise remonta o discurso a uma atitude pessoal, que foi marcada constantemente por Eneida ao expor sua indignação na falta de investimento tanto dos órgãos públicos quanto particulares às manifestações culturais que celebram a identidade cultural da nação, aspecto fundamental para a construção de sua identidade pessoal enquanto liderança local, como mostrou a narrativa exposta.

A partir do relato de Eneida, a forma de organização de sua memória segundo sua interpretação acerca da realidade, a exclusão de grupos culturais locais que não estejam em sintonia com a indústria do turismo é clara. Desta forma, dois elementos pelo qual se pauta a posição do entrevistado: a cultura “autêntica e o conflito.

A possibilidade de interação

A partir destes recortes da prática de pesquisa, nos direcionamos para a apreensão das possibilidades de construção de espaços de interação entre o pesquisador e o pesquisado. Estamos partindo da compreensão de que, a metodologia proposta pela história oral se baseia em situações de interação pelas quais se procura estabelecer uma esfera cognitiva comum entre pesquisado e pesquisador que seja acionada heurísticamente. Levamos em consideração que esta interação se dá não só pelos aspectos formais dos processos de entendimento, que seriam somente dados pela linguagem verbalizada, mas também as expressões de conteúdos afetivos e emocionais entendidos enquanto elementos de comunicação.

Uma vez que as narrativas construídas durante as entrevistas que comumente realizamos foram permeadas por manifestações dos mais variados sentimentos, procuramos trazer para a discussão o papel destes sentimentos expressos pela entonação de voz, pelo semblante do entrevistado e outras diversas posturas corporais. Desta forma, entendemos que a expressividade do indivíduo abrange a linguagem verbalizada, a comunicação no sentido tradicional e estrito; mas também as expressões de conteúdos afetivos e emocionais que podem ser considerados enquanto ações sintomáticas do ator (GOFFMAN, 1985:12).

Consideramos ainda um aspecto básico dos processos de interação: que estes se constituem com base em expectativas construídas entre os sujeitos, entendemos também que a relação entre pesquisador e pesquisado exige a instauração de um horizonte significativo comum que

permita a interação, nos termos de Goffman (1985:19), um consenso operacional, termo que se refere a um acordo temporário entre os envolvidos na interação sobre o caráter da situação.

A interação é entendida, portanto, como um jogo de ação e reação entre os envolvidos, no qual, cada um age em função da influência que pode exercer sobre o outro, e que para que tal situação perdure, é necessário um grau mínimo de similitude e confiança que permita esta troca. Observamos que, ocasionalmente, estes consensos operacionais passam pela esfera afetiva e são tecidos em meio ao entendimento e respeito às nuances pessoais dos envolvidos, em um constante movimento de procurar os significados que estavam sendo comunicados por cada entonação e expressão facial.

Se tal movimento requer uma boa dose de sensibilidade, exige na mesma medida uma capacidade de cálculo, ao considerar uma disputa sobre o controle da situação de pesquisa, entendemos que esta se caracteriza por ser uma situação de interação cuja natureza se perfaz pela dinâmica entre subjetividade e reflexividade tanto do pesquisador quanto do pesquisado.

Do ponto de vista do pesquisador esta dinâmica se refere ao esforço metodológico em manter um movimento de constante aproximação subjetiva ao mesmo tempo em que tal aproximação remete a um trabalho reflexivo acerca deste processo. É desta natureza reflexiva que o pesquisador, baseado no treinamento metodológico, traça suas estratégias de estabelecimento de entendimento e confiança com o pesquisado.

Já na dimensão do pesquisado a mesma dialética entre subjetividade e reflexividade se processa, mas em uma ordem diferente, pois enquanto o pesquisador tem um treinamento teórico e metodológico para tal procedimento, o pesquisado vai se utilizar de estratégias comunicativas para o controle de sua própria subjetividade e para a organização de uma narrativa que construa sua identidade pessoal e legitime sua posição diante do pesquisador e do grupo.

O que se instaura, portanto, é uma zona de interlocução na qual os diferentes tipos de capital social que são construídos anteriormente em campos sociais distintos (acadêmico e da vida cotidiana) são acionados na interação pelos respectivos sujeitos. O que gostaríamos de enfatizar é que, embora cada um desses capitais sejam valorizados de forma diferente, nos campos sociais nos quais se originaram, a situação de interlocução se constitui como um novo campo social específico no qual cada um desses capitais, à medida que não podem ser transformados um no outro, se relacionam por meio da negociação entre pesquisador e pesquisado (BOURDIEU, 1989).

Esta situação de interação se estabelece, portanto, como um campo social marcado por tensões, onde há processos de constituição de um tipo de capital específico ao campo de interlocução, na perspectiva de que o controle de informações está continuamente sendo negociado entre os sujeitos na dinâmica da própria entrevista. Desta forma, entendemos que as relações de dominação neste campo social não são dadas automaticamente, pois o pesquisado - fazendo uso do seu próprio capital social, ou seja, o seu conhecimento sobre a realidade - vai acionar

estratégias para reconhecer ou não o interlocutor, e isso se faz por meio da abertura ou não de espaços de sua subjetividade para o pesquisador.

A perspicácia metodológica se refere às possibilidades do pesquisador de agir sobre o pesquisado, de forma a estabelecer com ele uma relação de influência (GOFFMAN, 1985) desta forma, consideramos que, embora marcada primeiramente pela diferença, a relação entre pesquisador e pesquisado seja passível de produzir zonas de aproximação dadas às capacidades intersubjetivas, e disposições de se colocar para o outro.

Subjetividades e Objetivação

No tópico anterior nos direcionamos para a apreensão das possibilidades de construção de espaços de interação entre o pesquisador e o pesquisado, tal apreensão foi orientada no sentido de discutir as subjetividades envolvidas durante o trabalho de campo. Desta forma, demos ênfase à operacionalização das subjetividades enquanto recurso cognitivo, bem como à perspectiva de controle desta intersubjetividade por meio das estratégias acionadas pelos sujeitos para delimitação do papel social e das falas no processo interativo.

Neste momento, nos propomos a uma discussão dos processos vivenciados na pesquisa como experiências de vida. Acreditamos que, a subjetividade do sujeito cognoscente não se faz presente somente enquanto um elemento acionado no momento de construção de narrativas proposta pela história oral, mas permeia os processos de construção teórico-metodológica, de interpretação e análise destes materiais empíricos.

Partimos, portanto, das considerações de Pereira (2000) para problematizar as implicações metodológicas das relações de aproximação e, conseqüentemente, do caráter subjetivo da experiência de pesquisa orientada pela metodologia da história oral. Nossa proposta de análise considera os apontamentos de Matta (1978) acerca do trabalho etnográfico. Entendemos que este tipo de exercício se aproxima do esforço metodológico proposto pela história oral à medida que, o trabalho de campo orientado pela perspectiva etnográfica supõe o estabelecimento de relações inter-pessoais entre o pesquisador e os pesquisados.

Partimos, portanto, da discussão acerca da intersubjetividade que permeia estas relações durante a prática da pesquisa no campo. Nesta perspectiva, consideramos que o processo de constante aproximação e afastamento em relação a este sistema de referências construído na interação com o pesquisado não deixa de existir mesmo após trabalho de campo. Como aponta Matta (1978) - ao tratar da terceira e última fase das etapas de uma pesquisa antropológica, quando finalizado o processo interativo imediato entre o pesquisador e o informante - esta dimensão se refere:

“às lições que devo extrair do meu próprio caso (...) nesta dimensão da pesquisa, eu não me encontro mais dialogando com índios de papel, ou com diagramas simétricos, mas com pessoas (...). Vejo-me diante de gente de carne e osso. Gente boa e antipática, gente sabida e estúpida, gente feia e bonita.

Estou assim, submerso num mundo que se situava, e depois da pesquisa volta a se situar, entre a realidade e o livro.”(MATTA; 1978, p. 25)

Deste testemunho do autor percebemos que, não à toa, este nomeia a última dimensão da pesquisa antropológica de *pessoal* ou *existencial*, pois se trata da apreensão da experiência do trabalho de campo enquanto uma experiência pessoal e subjetiva permeada pelos humores, ansiedades e interpretações imponderáveis.

Desta forma, entendemos que a dimensão subjetiva do pesquisador não se encerra simplesmente na sua utilização como um instrumento para o estabelecimento de relações que possibilitem a construção de testemunhos e narrativas, mas se torna autônoma em relação a estes objetivos ao passo que as relações de interação são vividas, e por assim dizer, passam a constituir parte da vida do pesquisador que dela participou.

Desta percepção decorre que a experiência de pesquisa que se pauta pela subjetividade torna-se pessoal, uma vez que, durante o trabalho de campo se constituiu um horizonte de significação comum entre pesquisador e pesquisado do qual aquele não sai imune. No entanto, tal experiência não se constitui aqui como uma desvantagem em termos de produção de conhecimento, mas como uma condição de captar a natureza da narrativa acionada pelo informante uma vez que a subjetividade deste se torna uma esfera da qual o pesquisador participa.

Mas como de fato podemos expressar as nuances de uma vivência pessoal e subjetiva em um texto acadêmico sem transformá-lo em um simples inventário de sensações desconexas? E ainda mais, como podemos apresentar as subjetividades que permeiam os discursos do pesquisado e do pesquisador como elementos constituintes do conhecimento produzido por este último em forma textual?

Neste sentido, recorreremos às proposições de Pereira (2000) acerca da reflexão sobre a construção da metodologia de pesquisa enquanto um movimento de articulação da vivência pessoal do pesquisador e da construção de seu discurso acadêmico, nas palavras da autora:

“(...) no chão da experiência que liga a história pessoal do pesquisador a uma história pública, coletiva, a ser interpretada, a afetividade ao conhecimento teórico (o qual também pressupõe paixões, as quais somos orientados a reelaborar). É essa mediação que procuramos problematizar ao pensar o familiar e privado e o coletivo e público, em que se transforma numa lacuna em muitos trabalhos justamente pelo temor do pesquisador em se deixar levar por supostas armadilhas de não distanciamento: o encantamento, o engajamento, a afetividade em relação o seu objeto.” (PEREIRA; 2000, p. 37)

Entendemos que uma possível solução para o impasse sugerido pela autora se coloca pela admissão da intersubjetividade como um movimento necessário para a construção e análise das narrativas, partimos da perspectiva que o valor heurístico do material produzido pela metodologia da história oral se perfaz pela problematização e consideração das condições de pesquisa nos quais as narrativas foram construídas.

Desta forma, estamos argumentando pela reflexão sobre um tipo de sensibilidade fundamental em cada vez que fomos chamados a reagir às mais variadas manifestações sentimentais dos pesquisados, e entender e inferir acerca destas manifestações. Consideramos que tal proposição

pode ser aplicada à discussão da gestão das subjetividades do pesquisador e do pesquisado uma vez que estas se colocam na história oral como um elemento constitutivo do método. Neste movimento de “tatear no escuro”, procuramos refletir sobre as possibilidades de acionamento da intersubjetividade como um instrumento acionado durante a prática de pesquisa.

Neste sentido, o que propomos é uma possibilidade de apreensão da gestão da subjetividade do pesquisador por meio de uma atitude reflexiva denominada por Pierre Bourdieu de “vigilância epistemológica” (BOURDIEU, 1999). Este instrumento teórico-metodológico se operacionaliza por meio de um constante esforço no sentido de refletir sobre as condições de aplicação da metodologia de pesquisa.

A percepção do autor se coloca no campo de uma sociologia do conhecimento, e se refere à tentativa de afastar a prática sociológica do quadro referenciado pelo autor de “sociologia espontânea”. Esta crítica à “sociologia espontânea” se refere a uma reflexão sobre uma percepção objetivista da sociologia, segundo a qual a validade do conhecimento estaria assentada na aplicação formalmente correta da teoria e do método, ou seja, refere-se ao exercício de aplicação de conceitos e métodos sem uma devida discussão acerca destes processos.

Uma perspectiva paralela é apropriada por Pereira, quando esta autora afirma:

“(…) pensar essa situação não apenas requer os instrumentos teóricos já prontos, a exemplo da noção de pacto autobiográfico aqui utilizada, mas nos convida, para lembrar W. Mills, ao exercício de nossa imaginação sociológica, à recriação do método quando ele não se põe acabado (se é que isso de fato existiu), refletindo sobre todos os ‘equivocos’ e ‘constrangimentos’ que somente as relações humanas – o nosso objeto – podem produzir.” (PEREIRA; 2000, p.37)

Desta forma, o método proposto pela história oral não se prende a uma simples reprodução dos discursos acionados pelos informantes, tal posição implicaria em uma atitude ingênua diante dos fatos. Como nos mostrou as autoras que analisamos (AUGRAS, 1997; PEREIRA, 2000 e MENEZES, AIRES e SOUZA, 2004), o método da história oral não nos fornece dados, mas discursos construídos em um amplo processo reflexivo do qual os imponderáveis são elementos essenciais de interpretação analítica. Nas palavras de Pereira:

“Ao revés da imagem cartesiana de que esses desvios podem revelar uma imperícia do pesquisador, ou não entendimento do entrevistado, pensamos que eles revelam caminhos outros, atalhos, fronteiras, enfim (para retomar uma imagem benjaminiana), labirintos- sem Minotauro- à espera de serem percorridos e cartografados no nosso mapa metodológico.” (PEREIRA; 2000, p.37)

Deste apontamento de Pereira (2000) entendemos que a natureza do material pretendida pela metodologia da história oral se perfaz por sua natureza subjetiva e pela incorporação deste aspecto no processo analítico, portanto, como aponta a própria autora, tão importante quanto esta natureza é a sua capacidade de controle metodológico, e é por esta constatação que nos reencontramos com Bourdieu, à medida que propomos a adoção da vigilância epistemológica enquanto uma atitude reflexiva de teorias e métodos de pesquisa.

No entanto, admitimos que esta constante vigilância não se faz no sentido de procurar uma objetivação das narrativas construídas, mas se refere antes a uma atitude reflexiva sobre as possibilidades de se deixar impressionar pelo indivíduo que fala, transformando os sentimentos, as pausas, os silêncios as expressões em indícios para a compreensão de sua narrativa e tomando-os como base para a inferência de como agir diante do outro.

Desta forma, entendemos que o método proposto pela história oral se coloca em um constante vir a ser, não estando completamente indefinido, também não pode ser definido à priori, mas é constantemente adaptado às situações de interação, de maneira que as capacidades idiossincráticas do pesquisador sejam articuladas em sua própria vivência. Tal reflexão, senão se mostra conclusiva, abre espaço para a percepção do processo de pesquisa como uma experiência cognoscente cuja intersubjetividade tem um papel fundamental, pois, no final deste processo, o conhecimento que se obtém sobre o outro é determinado pelas expressões que este passou e como estas foram apreendidas por quem se deixou impressionar.